

Construção do conhecimento em época de pandemia

Em todos os sentidos, é gratificante constatar que, durante a pandemia do vírus *Sars-CoV-2*, causador da COVID-19, muitíssimos pesquisadores continuaram trabalhando em suas respectivas áreas de conhecimento, a exemplo dos relatos de pesquisa aqui apresentados. De outra parte, número considerável de investigadores procurava entender os mais distintos aspectos da pandemia, notadamente do ponto de vista social, psicológico, econômico e familiar.

A imprensa durante a dita pandemia também tem se feito presente, noticiando fatos, apresentando versões e, não raras vezes, interpretando esses mesmos fatos. As inúmeras possibilidades das chamadas redes sociais vêm igualmente exercendo relevante papel, não obstante, em muitos casos, prestarem-se à distorção da verdade ou, inadvertidamente, a divulgar coisas inverídicas.

A pandemia da COVID-19, particularmente no Brasil, tem servido como mote político em inúmeras ocasiões, com acusações e confrontos nada construtivos, em nítido conflito de interesses pessoais e ideologias espúrias. Nesse contexto, até mesmo a ciência foi tratada como certeza absoluta, o que retrata a ignorância dos que assim a concebem, visto que ela, desde suas primeiras assertivas ao longo da história, deve ser concebida como uma hipótese a ser permanentemente testada e questionada, com base no chamado espírito científico, em que a certeza é um advir. Sobre isso, René Descartes (*apud* FLORIDO, 1999a) aconselhava que se deveria sempre duvidar do conhecimento, para desencadear novos procedimentos de pesquisa. Isso ficou conhecido como “dúvida metódica”. O avanço da ciência e da técnica tem demonstrado isso num verdadeiro trabalho revisional do conhecimento, o que permite afirmar que muito do que se defende na atualidade é, ainda, uma quimera. Isso faz lembrar as variações e mutações que a COVID-19 vem sofrendo.

Os artigos aqui publicados, enquanto relatórios de pesquisa, sobre temas muito relevantes e atuais, são provas incontestes desta óbvia e necessária jornada da ciência, que se faz cada vez mais verdadeira, sem, no

entanto, configurar-se como uma certeza absoluta. Vejam-se quão sugestivos de leitura são os títulos a seguir:

1) *Cupcake* adicionado de farinha de resíduos de brócolis: análise físico-química e sensorial entre crianças;

2) Economia Circular: análise e aplicabilidade nas organizações sob a perspectiva da Teoria dos *Stakeholders*;

3) Do conflito de legitimidade ativa entre a Ação Popular Ambiental e a Constituição Federal de 1988;

4) Diagnóstico de viveiros da região metropolitana de Goiânia, GO, Brasil;

5) Responsabilidade pós-consumo de embalagens de agrotóxicos: estudo de caso sobre a logística reversa em Dourados, MS;

6) Fatores associados à prática insuficiente de atividade física em professores escolares brasileiros: um estudo de revisão integrativa;

7) A tríade *sarcopenia*, disfagia e desnutrição em pacientes internados para reabilitação em um hospital de retaguarda;

8) Perfil das notificações de câncer relacionado ao trabalho em um hospital referência em oncologia no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil;

9) Mídias sociais e a construção da imagem do político João Doria: um estudo a partir do *Facebook*;

10) Análise multitemporal do uso da terra municipal em Assis Chateaubriand, Paraná;

11) Coleopterofauna (Insecta: Coleoptera) associada a um plantio de *Acacia mearnsii*;

12) Pierre Hadot e Marco Aurélio: da leitura à atualização;

13) A vigilância sanitária no contexto da agricultura familiar;

14) História e marco legal de um projeto de assentamento agroextrativista na Amazônia Oriental, Brasil.

Como se pode depreender das temáticas apresentadas, a diversidade dos assuntos está em conformidade com o escopo da revista, qual seja, a multitemática. Cada um destes trabalhos acima elencados representa, no pensamento de René Descartes (*apud* FLORIDO, 1999a), uma possibilidade

de avanço de entendimento para superar o que antes poderia ser tão senso comum. Nesse mesmo aporte, Silva (1993, p. 62), retomando textualmente o pensamento de René Descartes, explicita que:

Essa diferença entre o caminho da dúvida e o caminho do conhecimento se deve a que o trajeto da dúvida seguiu a ordem dos conhecimentos obtidos pelo senso comum, que é ingenuamente realista e não metódico, e o estabelecimento da objetividade segue o trajeto metódico, a via racionalista, que parte do conhecer e das próprias condições de objetividade.

Em vista dos avanços do conhecimento, não obstante continuar sendo a ciência uma hipótese, o universo de debates acerca dos distintos temas, incluída a problemática da COVID-19, deveria levar em conta o que afirma Blaise Pascal (*apud* FLORIDO, 1999b), textualmente:

Devemos nos colocar no lugar dos que vão ouvir, e experimentar em nosso coração a forma do discurso, a fim de saber se um se adapta ao outro e se é possível ter certeza de que o ouvinte irá obrigatoriamente render-se. É necessário, sempre que pudermos, concentrarmo-nos na naturalidade mais singela, não tornar grande o que é pequeno, nem pequeno o que é grande. Não é suficiente, a uma coisa, ser bela, é preciso que seja adequada ao assunto, que nada tenha a mais, nem que nada lhe falte.

Como se pode inferir do Pensamento de Baise Pascal (*apud* FLORIDO, 1999b), é preciso que as informações circulantes no seio da sociedade leve em conta a capacidade média de compreensão da população, pois, à revelia disso, o próprio esforço da ciência em elucidar as questões em apreço pode ser mal-entendido e representar um perigo em âmbito geral. Essa questão encontra amparo quando se pensa que as informações advindas dos mais variados meios vão chegar às mais variadas comunidades, que, certamente, entenderão de modo particular cada mensagem. Sobre isso, Ávila (2021, p. 25) afirma que:

[...] todas as comunidades são diferentes umas das outras, ou seja, que nunca houve e jamais haverá uma realidade comunitária ou de potencial comunitarizante igual a qualquer ou quaisquer outras, por menores que sejam as diferenças ou maiores as semelhanças entre elas (*sic*).

Em vista disso, é preciso lembrar que, em termos da pandemia da COVID-19, não há plena convicção nem mesmo entre os profissionais da saúde.

Ao desejar boa leitura, espera-se que os textos selecionados e avaliados por pares cientistas sirvam para clarear mais as mentes dos que tiverem a oportunidade de acesso aos ditos trabalhos, na construção do próprio conhecimento.

Prof. Dr. Heitor Romero Marques

Editor-Chefe

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Vicente Fideles. *Anotações contextuais e conceituais sobre desenvolvimento local [dl] ou desenvolvimento comunitário-local [dcl] endógeno-emancipatório*: Ensaio de construção. Campo Grande: Life, 2021.

FLORIDO, Janice. *Descartes – vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999a.

FLORIDO, Janice. *Pascal – vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999b.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Descartes – a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Logos).